

## COMUNICAÇÃO E RELAÇÃO PEDAGÓGICA

Elvira Eliza França

Mestranda em Educação na Unicamp

### INTRODUÇÃO

Na relação do homem com o mundo, ele se coloca diante de um problema de grande significação: buscar o sentido de sua existência no processo histórico cultural em que vive. Esse sentido só lhe poderá ser significativo quando ele conseguir exprimir-se e participar desse processo. A transmissão de sentidos se dá na coexistência, no outro que é a referência do próprio homem como ser existente no mundo. A linguagem como forma de expressão do mundo humano se faz necessária para que se amplie seu mundo, na relação com o outro.

Nesse sentido, há uma preocupação muito grande de nossa parte, quando sentimos que essa linguagem, essa forma de comunicação está dominada pela tecnologia dos meios de comunicação de massa, que direcionam a percepção dos sentidos existentes.

Não há propriamente uma proposta humanista nestes meios de comunicação, mas uma continuidade do processo de desumanização do homem. Essa desumanização se reflete nos demais segmentos de nossa sociedade, dando-nos a impressão de ser um processo irreversível.

No contato mais íntimo com propostas de desenvolvimento desses meios, sente-se que o homem só é pensado enquanto consumidor, sem ser valorizado em suas aspirações e necessidades. Sendo esse, um dos procedimentos constantes no nosso dia-a-dia, toma lugar de destaque na hierarquia de preocupações relacionadas à educação porque sua influência é tão relevante, a ponto de levar o sistema educacional, principalmente a relação professor-aluno, a grandes mudanças, que nem sempre são as mais coerentes nem as mais significativas.

Neste trabalho há uma preocupação em se dar um tratamento metodológico numa perspectiva da Fenomenologia Existencial hermenêutica, pois o sentido só existe enquanto for busca, enquanto se constatar fenômenos, contestá-los e projetar-se uma perspectiva decorrente desse discurso dialético.

A nossa visão é apenas um dos aspectos que influenciam a relação pedagógica, sendo que o discurso deverá ser completado com ou-

tros pontos de vista. A visão do psicólogo, do economista, do político, do antropólogo, do sociólogo e outros, poderá completar nossa compreensão sobre a problemática do discurso pedagógico. Aliás, é a visão fenomenológica da realidade, que só pode ser vista cada vez num perfil, num aspecto que parece ser prioritário no interesse de cada pesquisador.

A diversificação e contestação do que for neste trabalho constatado, só servirá como contribuição para que se lance novas interpretações desse fenômeno e, novos projetos a seu respeito. Somente nos diferentes pontos de vista, é que se poderá chegar a um consenso, àquilo que na Fenomenologia se chama de buscar mais sentido onde há sentido.

## 1 — VISÃO GERAL SOBRE OS PROCESSOS DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA CULTURA DE MASSA

Em nossa sociedade os meios de comunicação adquirem relevante importância por constituírem o elo entre a sociedade intelectual e a massa. Enquanto a primeira está imersa no fluxo de informações mas reage e transforma os elementos recebidos em outras mensagens originais — difundidas pelo “mass media” — a massa digere essas mensagens que vêm de seu transmissor, fazendo com que cada vez mais diminua a sua coerência interna, por assimilar valores culturais e modelos que não são produzidos por ela mesma. Essa passividade do receptor frente às informações recebidas faz com que ele adote os modelos apresentados pelo “mass media” para solucionar problemas que não são seus e que não trazem resultados significativos à sua vida, tornando-se então um alienado cultural.

O progresso cultural é fabricado em um microambiente e incorporado a um macroambiente por um grupo que tem acesso aos meios de comunicação, segundo as palavras de Abraham Moles (1). Sem levar em conta a autonomia estética, o produto cultural está estritamente determinado pelo seu caráter industrial e de consumação diária, deixando de lado a espontaneidade criadora. Esse distanciamento crescente entre o indivíduo criador e o consumidor faz emergir uma nova enfermidade em nosso mundo tecnológico: a alienação cultural, que é alimentada por uma “cultura mosaica” (2), constituída de abundantes elementos díspares que se confrontam com nossas percepções a todos os momentos. São esses fragmentos culturais, reunidos por justaposição do tempo ou pela frequência que constituem um processo cumulativo de aumento da cultura, alimentado e direcionado pelo “mass media”.

Para compreendermos melhor o fenômeno cultural, convém definirmos a cultura numa abordagem fenomenológica. No diálogo com a Antropologia sócio-cultural, a cultura é a fisionomia própria que um grupo humano adquire através da sua história; a definição filosófica nos diz que a

cultura é a forma da existência humana, percebida no ser no mundo com os outros (3).

Ao dizermos fisionomia, estamos falando de traços que nos permitem reconhecer e identificar o que inicialmente se apresentava numa estrutura física, mas que se transporta para o psicológico, na forma de ser, no comportar-se e exprimir-se, característico do fenômeno humano. Quanto à forma, ela nos lembra uma estrutura, cuja ordem comporta um sentido da existência, apresentando-se como uma forma simbólica, própria do mundo humano. Nessa estrutura de comportamento, o homem não precisa mais dos elementos da matéria para entender o significado das coisas, mas do sentido que estes comportam. Estes sentidos estão concentrados numa multiplicidade, que na sua hierarquia dão uma resposta significativa apropriada pelo homem através da sua experiência de vida. É nessa estrutura simbólica que o sentido circula; que a cultura veicula sua significação num discurso, onde são apresentados os vários sentidos sem interrupção ( polissemia ).

A compreensão do sentido, da natureza simbólica da cultura, faz com que o homem não só faça a aquisição do sentido que circula, mas com que ele possa interpretá-lo mais significativamente, buscando novos significados ao fenômeno cultural e, nesse estabelecimento com os elementos significativos, evocar outro sentido, para que se conserve essa polissemia.

A sua identificação com o mundo far-se-á a partir do momento em que o homem se sente relacionar com o mundo e lhe responde significativamente.

Não se trata de um culturalismo, onde o homem somente vai assimilar esses conhecimentos. Nem de apenas detectar o sentido em circulação, mas de uma vivência existencial desses elementos, um contestar esse sentido, questionar a existência, e, dessa interpretação, projetar e lançar novos horizontes a partir de sua consciência cultural, adquirida em todo o processo.

A educação, acerca das considerações da cultura, pode ser entendida então como "aquisição e explicitação ou uma consciência cultural própria, isto é, em busca da compreensão do sentido dessa mesma existência, não apenas para vivê-la, senão e até principalmente para questioná-la,... como uma das manifestações do homem sem esgotar-lhe as possibilidades históricas." (4)

Se entendermos a cultura como forma do sentido da existência, como forma concreta que a existência humana adquire através da sua história, segundo Antonio M. Rezende, quando o homem se encontra alienado da sua própria existência, podemos dizer que a cultura está com sintomas patológicos, por estar ocultando o sentido do existir no contexto em que ele vive, sem oferecer-lhe condições para interpretar criticamente

suas mudanças. Do matizar um modelo, fabricado pela "sociedade intelectual dos criadores" (5) e transposto à massa, padronizar seu comportamento e estilo é diminuir a existência e impedir que a cultura diversifique e multiplique suas manifestações; é reduzir o sentido da existência a somente um ponto de vista como valor absoluto.

Sendo a cultura adquirida pelo grupo através da sua história, o processo de comunicação tem relevante papel nas transmissões de valores e de sentido em circulação entre as pessoas desse grupo. A indústria cultural, tão determinante no desenvolvimento social, por estar centrada no caráter industrial e de consumo, está diretamente relacionada com a dominação econômica e política, através da seleção de informações, que poderão promover o desenvolvimento da consciência cultura ou a sua atrofia e definhamento. Há uma arbitrariedade dos meios de comunicação por desprezarem a hierarquia de valores e tentarem nivelar as pessoas, sem lhes dar o direito à verdadeira significação das mensagens. "A massificação é tanto mais perniciosa quanto mais ela se apresenta com aparências da democratização da cultura, quando, na verdade, ela não passa de uma privação cultural coletiva" (6).

A significação da existência do homem se expressa através da cultura, é na linguagem, no entanto, que ele se culturaliza pois é ela que lhe dará o sentido e a expressão dessa cultura. "A linguagem tem o poder de dizer o sentido dos outros sentidos" (7). Quando a linguagem tem o poder de dizer o sentido da cultura, as suas proporções, a significação da existência e manifestação dos indivíduos, ela está apresentando sintomas patológicos também.

O campo do conhecimento só se alargará na medida em que as pessoas treinarem sua capacidade criadora e sensibilidade para interpretar seu mundo de forma que busquem mais sentido no que há sentido e ampliem seus horizontes culturais na busca de novas aplicações destes conhecimentos para a transformação do mundo em que vivem.

O homem necessita responder e reagir significativamente aos estímulos das mensagens que recebe a todo momento. Ele precisa, não reproduzir mas, criticar e buscar novos significados naquilo que está mobiliando seu cérebro. O comportamento das pessoas está relacionado com fatos do passado, num tempo presente. É através da capacidade de discernimento do que lhe é significativo, que no momento histórico o homem saberá usar este passado de maneira humana, podendo então projetar-se para frente. O mundo é inesgotável; "o que nos importa é precisamente saber o sentido de ser do mundo" (8) e a busca do sentido deve ser uma constante na vida do homem. Acrescentar significado às coisas, é também buscar o verdadeiro sentido; é usar a capacidade que se tem para utilizar e transformar o mundo.

## 2 — A PRESENÇA DO OUTRO NA COMUNICAÇÃO PEDAGÓGICA

Vimos como é importante o verdadeiro sentido que a cultura assume num grupo humano. O homem deve aprender sua cultura e identificar-se com ela. A educação assume então um papel preponderante ao levar o homem a humanizar-se através da aprendizagem — que tem uma íntima relação com a cultura — e que para a fenomenologia, só existirá nele quando implicar toda a realidade humana, além da biológica e física. É através da aprendizagem que o homem descobre onde há sentido, que ele aprende a relacionar os elementos que lhe são oferecidos, muitas vezes arbitrariamente e em constante circulação.

Merleau-Ponty nos diz que “é dentro do mundo que nos comunicamos, através daquilo que nossa vida tem de articulado”, (9) mas que o mundo comum só se estabelece no diálogo intersubjetivo com o outro: “essa certeza injustificável de um mundo sensível comum a todos nós é, em nós, o ponto de apoio da verdade” (10). Ora, assim sendo, a aprendizagem só poderá ser resultado de uma relação intersubjetiva; de um “ato do ser-no-mundo-com-os-outros”. (11)

Se a presença do outro em nossa vida é inegável, é também indiscutível que ele contribua para a nossa compreensão do mundo, num diálogo espontâneo, servindo-se da linguagem como condição para o restabelecimento dessa realidade comum.

Há uma íntima relação entre a cultura e educação, quando o homem aprende a viver o sentido da cultura — uma manifestação do fenômeno humano. Através da educação o homem vai aprender o sentido que circula em seu grupo, progressivamente, aprendendo a ser e adquirindo sua própria consciência cultural. Assim, o ato de educar tanto poderá levar o homem a constatar e acumular conhecimentos culturais, que reproduzirá em suas experiências vivenciais, como levar o educando à consciência crítica, à contestação dos valores que assimila e vivencia e, dessa nova visão elaborar os projetos de transformação de sua própria realidade.

Nessa relação surge o educador, que dentro da sociedade assume a educação como profissão, numa íntima relação com o ensino-aprendizagem. Assim, “a relação professor-aluno comporta uma reciprocidade essencial, que é o princípio e a base de uma colaboração” (12) devendo, portanto, transcender à simples função técnica ao nível de informação, para ser uma presença significativa, uma intencionalidade de relacionamento. “É justamente pela presença do mestre que o discípulo pode chegar à cultura, e da cultura aos valores, pois existe um homem que os testemunha” (13). O ensinar a pensar de um mestre é a forma de desenvolver no aluno a capacidade de guiar-se no mundo, de questionar os fins; é

dar-lhe condições para aprender a defender-se da alienação cultural e da competição individualista e, mais ainda, pensar-se existindo dentro de um grupo, sem se deixar diluir nele como massa anônima.

## 2.1 – A AÇÃO NÃO-NEUTRA DA RELAÇÃO PEDAGÓGICA

Toda a atividade humana está impregnada de subjetivismo, pois as condições de produção e conhecimento resultam da elaboração dos fenômenos no contexto do homem que lhes atribuirá significado a partir de seu ponto de vista. Por mais objetiva que seja essa busca de significado, fica presente o envolvimento subjetivo do homem sujeito à realidade sócio-político-cultural. “A produção científica se faz numa sociedade determinada que condiciona seus objetivos, seus agentes e seu modo de funcionamento. É profundamente marcada pela cultura em que se inserem” (14).

A relação mestre-aluno, quando se fecha apenas para o campo do conhecimento, fica reduzida ao ensino, deixando predominar as normas e as instituições; mas se essa relação for de pessoa para pessoa, recíproca e voltada à significação da existência, ela será mais verdadeira e levará tanto um como outro a se amadurecerem num projetar-se de conhecimento e saber, assentado na colaboração e no diálogo. Todo trabalho implica uma dependência que caracteriza o trabalho comum. Assim, a mutualidade e responsabilidade pela realização envolve os sujeitos, reclamando a presença de um diálogo, não só de intelecto mas, das personalidades que é um “voltar-se para o outro” (15).

Em ação, o mestre se expõe, demonstra sua vida, seus valores, seu modo de pensar e encarar a verdade. Seu testemunho deve chamar seus discípulos à participação e à responsabilidade e, assumir seus valores, sem no entanto, confundir a identificação do mestre com o ato de imitá-lo, por ser ele quem lhe fornece certezas do domínio humano.

## 2.2 – A FALTA DE DIÁLOGO PELA MANUTENÇÃO DA AUTORIDADE

Se, em outras épocas, a educação era dada através da própria vivência de mestre com os alunos, onde ele transmitia seus conhecimentos profissionais e intelectuais de maneira espontânea e harmônica, hoje “a função de mestre reduz-se ao papel de chefe ou instrutor” (16). O saber é, muito mais, estar adaptado às condições atuais, que usar os conhecimentos para novas aplicações. Nessas condições, o mestre torna-se um vigia, usando das suas atribuições com autoridade, assegurado muitas vezes pela desigualdade de idade que justifica seu saber superior e na estrutura escolar,

que lhe dá o poder de julgar e avaliar, determinando a desigualdade com seus discípulos e dificultando a manutenção do diálogo.

O discípulo, por não saber ainda definir seu rumo, aceita essa transmissão de valores, assegurando-os como absolutos. A manutenção e abuso de autoridade leva à desumanização, pois estabelece cada vez mais a diferença de classes. Se não há neutralidade no ato pedagógico, a política inculcada num opressor é o da classe que oprime e que se reproduz através da prática de domesticação. A educação se distingue pelo seu conteúdo revolucionário ou domesticador; pela manutenção e legitimação do poder ou pela luta para sua autonomia e o uso do diálogo.

Ora, se o papel do mestre é ensinar o pensar a realidade, como já foi dito, o conflito do cotidiano, as contradições existentes pela inadequação de valores aplicados à realidade do educando etc., que fazem parte da nossa existência, devem ser discutidos, criticados e reformulados também num ambiente escolar. O insucesso da educação está em não oferecer subsídios para os alunos interpretarem a sua realidade, enquanto oferecem temas não pertinentes à experiência deles. Os professores depositam conteúdos desprendidos da realidade, por se considerarem possuidores do saber, e, na ignorância, os alunos passivos e cordatos com essa autoridade, dão continuidade à alienação e contradição existentes, alimentando-as até que possam perceber que ela está em constante evolução e contínua transformação. Predeterminar condições de aprendizagem, dar ênfase na abordagem de assuntos inadequados à vida do estudante, não valorizar suas tendências e necessidades pessoais em detrimento de uma competição fundamentada na reprodução e alienação, é destruir os objetivos da educação. "Seja qual for a técnica usada, o aluno é levado a sentir que a sobrevivência, na classe, está condicionada a receber a aceitação, e aprovação do professor e para isto, o aluno deve jogar segundo as regras daquele" (17). A partir do momento em que o aluno se submete a esta coação, ele perde a oportunidade de ser livre e usar suas potencialidades para compreender sua própria existência, põ-la em questão e buscar melhores meios para seguir seu caminho na vida.

A respeito do uso do poder, através da legitimação da estrutura de mando, podemos constatar que a administração escolar reproduz também a relação de poder existente, condicionando a ação do professor em sua produção intelectual.

O quadro burocrático, mediador entre a classe dominada e dominante, tem a função de manter esse distanciamento, reproduzindo sempre a mentalidade da classe dominante. O que podemos notar é que na busca de ascensão profissional, seria o "leitmotive" o canalizador das energias em termos de ação profissional, que passa a ser vivida com uma reprodução das relações clássicas de chefe e subordinado. O ideal para se manter

o "status quo" é chegar nas mesmas condições do opressor, e enquanto essa mentalidade não for repensada e buscar-se a verdadeira libertação, o diálogo será apenas uma palavra bonita, um chavão usado por muitos, sem contudo exercer o seu verdadeiro sentido.

## CONCLUSÃO

O papel da comunicação de massas, como determinante social, chega a ser uma preocupação muito grande, principalmente a nós, que somos voltados à educação. A massa, alienada às verdadeiras causas que provocam essa situação, vai criando necessidades que não lhe dizem respeito. Certos modelos, aspirações lhe são inculcados, desviando suas atenções daquilo relacionado com sua realidade.

Os meios de comunicação de massa, fazem um nivelamento por baixo em suas mensagens, mas sempre voltadas para um estilo de vida, pensamento e ação que não é da própria massa desnivelada em relação ao grupo de elite, para o qual tendem os modelos apresentados. As suas aspirações são sempre a desses modelos da classe dominante que se transformam no canalizador de interesses na busca de uma realização existencial. Nesse ambiente, o homem não se compromete com o seu mundo, pois está voltado para um estilo de vida que não a sua, mas em que há um reflexo no seu pensamento e ação. O não compromisso com sua própria cultura e modo de existir, torna o homem um alienado de seu mundo, um frustrado por não conseguir chegar ao sucesso de seus modelos que é o objetivo de sua vida.

A gama de informações da cultura de massa, atinge diretamente o educando e o educador. Se o aluno é estimulado por uma cultura alheia à sua verdadeira, por esses meios, a escola alimenta essa alienação, fornecendo-lhe uma educação cumulativa com pouca ligação à sua realidade. Como poderá ele entender seu mundo, refletir sobre sua existência, se não há como fazer emergir o sentido que lhe tem significado ?

A escola, como reprodutora do interesse das classes dominantes, faz o mesmo jogo dos meios de comunicação, não levando o aluno a pensar sobre sua própria vida. Seus conteúdos nunca se mostram pertinentes ao que é relevante na vida do educando, como problema da miséria, subnutrição, exploração e dominação, relacionamento familiar como ele vivencia etc. O mundo apresentado é sempre o ideal, nunca alcançado por ele, que se frustra na incompreensão dessa incoerência, desse conflito existencial. O sentido se perde e a escola fracassa nos seus propósitos, afastando crescentemente educandos e conteúdo escolar.

A busca de novas técnicas pedagógicas e recursos audiovisuais tem sido a preocupação da escola nos últimos tempos para fazer parecer

interessante seus conteúdos de ensino. Adotando a insignificância colorida dos meios de comunicação de massa, ela revestiu-se de roupagens sofisticadas para amainar a monotonia de seus conteúdos amorfos. A inexistencialidade dos conteúdos de estudo, passaram a exigir que a máquina pedagógica investisse nos recursos tecnológicos para sua sobrevivência. Restamos, então, perguntar: o problema da alienação estará resolvido? Terá o estudante condições de sobreviver numa sociedade que desconhece, e pronta a sufocá-lo? A sofisticação do ensino o levará a libertar-se, permitindo que haja comunicação e diálogo, onde o significado de sua vida seja emergido em seus próprios termos?

Dá-se comunicação docente sobre os conteúdos em que se inserem professores e alunos. Como na educação é que os grupos assimilam e vivem as suas culturas, a coexistencialidade dessa relação definirá uma ação cultural transformadora e efetiva do "status quo" e não a mera transformação superficial que se dá nas metodologias e recursos de ensino.

Na convivência num mundo comum é que eclode o diálogo, possibilitando a abertura do sentido constatado, que se pode contestar na medida em que não for rico de significação. Assim, é que novas propostas surgirão para que, numa práxis educacional humanizadora, a verdadeira consciência cultural surja como libertadora dos que se envolvem no ato de educar-se.

Fazer cultura não é só detectar o sentido em circulação; é buscar outros sentidos que poderão ter maior significação no fenômeno educacional e propor novas alternativas decorrentes dessa ação.

Seria incoerente, da nossa parte, dar por concluída essa primeira reflexão sobre a comunicação e a relação pedagógica, uma vez que nosso ponto de vista, numa perspectiva fenomenológica, faz parte de um processo dialético e, por conseguinte, sujeito a novas contribuições e transformações.

## BIBLIOGRAFIA

- FREIRE, Paulo, **Conscientizacion**, Buenos Aires, Ediciones Busqueda, 1 974.
- GADOTTI, Moacir, **Comunicação Docente**, São Paulo, Loyola, 1 975.
- JAPIASSU, Hilton, **O mito da neutralidade científica**, Rio de Janeiro, Imago, 1 975.
- LEMBO, J. M., **Por que falham os professores**, São Paulo, Ed. Pedagógica e Universitária, 1 975.

- MERLEAU-PONTY, M., **O visível e o invisível: a fé perceptiva e sua obscuridade**, São Paulo, Perspectiva, 1 971.
- MOLES, Abrahan, **Rumos de uma cultura tecnológica**, São Paulo, Perspectiva, 1 973.
- REGIS DE MORAIS, J. F., ( org. ) **Construção social da enfermidade**, São Paulo, Cortez & Moraes, 1 978.
- REZENDE, A. M., **Apostila de fundamentos filosóficos da educação**, mestrado, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 1º semestre de 1 978.
- SEVERINO, A. Joaquim, **Metodologia do trabalho científico: diretrizes para a elaboração de uma monografia científica**, São Paulo, Cortez & Moraes Ltda., 2ª ed., 1 977.

#### NOTAS:

- (1) Abrahan MOLES, **Rumos de uma cultura tecnológica**, p. 54.
- (2) *Ibid.*, p. 53.
- (3) Cf. Antonio M. REZENDE, **Apostila Fundamentos filosóficos da educação** – ( mestrado ) Noção Fenomenológica da Cultura.
- (4) Cf. Antonio M. REZENDE, **Apostila Fundamentos filosóficos da educação** – ( mestrado ) Educação, Cultura e Desenvolvimento.
- (5) Abrahan MOLES, **Rumos de uma cultura tecnológica**, p. 51.
- (6) A. M. REZENDE, **Pistas para um diagnóstico da patologia cultural**, por J. F. REGIS DE MORAIS ( org. ), **Construção social da enfermidade**, p. 171.
- (7) *Ibid.*, p. 172.
- (8) M. MERLEAU – MONTY, **O visível e o invisível**, p. 18.
- (9) A. M. REZENDE, **Pistas para um diagnóstico da patologia cultural**, por J. F. REGIS DE MORAIS ( org. ), **Construção social da enfermidade**, p. 22.
- (10) *Ibid.*, p. 23.
- (11) A. M. REZENDE, **Apostila – Fundamentos filosóficos da educação** – ( mestrado )
- (12) Moacir GADOTTI, **Comunicação docente**, p. 62.
- (13) *Ibid.*, p. 67.
- (14) Hilton Japiassu, **O mito da neutralidade científica**, p. 11.
- (15) Moacir GADOTTI, **Comunicação docente**, p. 66.
- (16) *Ibid.* p. 67.
- (17) J. M. LEMBO, **Por que falham os professores**, p. 20.